

HOMENAGEM AOS MORTOS NA INTENTONA COMUNISTA DE 1935

Luiz Carlos Carneiro de Paula (*)

Agradeço, em nome do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e em nome de seu presidente, o General Aureliano Pinto de Moura, o convite do Comando da ECEME para que participássemos com vocês da homenagem a alguns de nossos companheiros, que morreram no cumprimento de seu dever.

Hoje pela manhã, aqui mesmo na praça aqui em frente, o Exército reverenciou os que tombaram, há 71 anos, vítimas da ação daqueles que se colocaram a serviço de outras convicções, diferentes daquelas nas quais se forjou a alma do soldado brasileiro.

Antes de me juntar a vocês na homenagem que fazem às vítimas da Intentona Comunista de 1935, permitam-me homenagear àqueles que, meus companheiros nesta Escola, foram assassinados, covardemente, por mãos guiadas pelas mesmas idéias daqueles que mataram em 1935.

Meu curso nesta escola não foi tranqüilo como quase todos os outros. Naquele momento da vida nacional – falamos de 1968 -,

***O autor é Coronel de Engenharia e de Estado-Maior, Sócio Efetivo do IGHMB.**

vivíamos a esperança de fazer o Brasil dar um salto em sua vida política, econômica e social, salto duas vezes ensaiado – nas décadas de 1930 e de 1950 – e duas vezes frustrado por um populismo irresponsável e demagogo, como sempre são os populismos. E vivíamos, ao mesmo tempo, a agressão daquilo que ficou batizado como a “luta armada”. Em 1968, aqui, tínhamos aulas pela manhã e, à tarde, trabalhávamos nas mais diversas tarefas, a fim de ajudarmos a dotar o Estado e o Governo de uma estrutura adequada aos objetivos do Movimento de 64. Não o fazíamos sem cruzar e enfrentar a baderna de rua, as agressões e o terror seletivo. Não era fácil sentar-nos nas salas desta Escola e pensarmos, didaticamente, em apoio de engenharia ou fazermos uma prova de brigada no ataque. Menos ainda discutir, também didaticamente, a segurança interna e a garantia da lei e da ordem. Eram abstrações quase impossíveis. Pobres instrutores daquele tempo! Não sei como agüentaram lidar conosco. O ano de 1969 não foi muito diferente. Apenas mudamos de brigada para divisão.

Mas, ainda em 68 perdemos o Major **Edward Ernest Tito Otto**..oficial alemão, confundido pelos terroristas de então com um outro companheiro da turma, o

Capitão Gary Prado Salmón, boliviano, que havia eliminado Che Guevara. Edward estava desarmado, na esquina de casa, voltando da Escola. Em 1971, pouco depois de terminarmos o curso (eram três anos naquela época), durante uma operação de cerco a um grupo armado, perderíamos o Major José Júlio Toja Martinez Filho. Ele acabara de preservar a vida de uma terrorista acuada dentro de um carro. Ao abrir a porta e mandá-la sair, foi atingido na barriga e no peito. Chegou morto ao pronto-socorro enquanto a assassina era levada a corpo de delito para as formalidades legais. Paro por aqui com as minhas lembranças vividas, algumas de tantas outras semelhantes.

Mais uma vez essa gente foi derrotada. E o salto do Brasil se fez, inclusive o trabalhoso e arriscado mergulho na democracia sonhada e hoje garantida também por vocês. Nossa tradição de anistiar e reintegrar à vida nacional os insurretos, praticada desde Caxias e incorporada a nossa cultura, prevaleceu e, apesar das contradições, haverá de vingar.

Olhando para vocês, vejo muito mais gente, Soldados todos, de todas as idades e de todos os tempos, // fiéis aos compromissos que, ao longo da vida fomos assumindo e renovando. “Incorporando-me ao Exército Brasileiro, prometo cumprir...” Lembram-se? // “Recebo o sabre de Caxias como o próprio símbolo da honra militar” O que significava para cada um de nós e o que significa hoje e sempre a honra militar? // Estão

ouvindo o que juraram ao receber a espada de oficial? Tenho certeza que sim.

E enquanto conversamos, também tenho a certeza de que, cada um de vocês está passando a limpo a sua própria vida, a própria luta para cumprir seus juramentos através da prática do que chamamos as virtudes militares. Na verdade são as virtudes do homem bom. Entretanto, para o soldado, se tornam paradigmas, referências voluntariamente aceitas como voluntários foram e são nossos compromissos.

Dedicação e responsabilidade, camaradagem e lealdade, hierarquia e disciplina, tenacidade e perseverança, coragem e equilíbrio, amor e respeito ao próximo, amor à verdade e tantas outras que não precisam ser lidas, repetidas...estão no sangue, estão na alma do soldado..

Diante de vocês desfilam os nomes dos que morreram em 1935:

Tenente-Coronel Misael Mendonça
Major João Ribeiro Pinheiro
Major Armando de Souza Mello
Capitão Danillo Paladini
Capitão Geraldo de Oliveira
Capitão Benedicto Lopes Bragança
Capitão José Sampaio Xavier
Segundo-Tenente convocado
Lauro Leão Santa Rosa
Segundo-Sargento José Bernardo Rosa
Primeiro-Sargento Jaime Pantaleão de Moraes
Terceiro-Sargento Abdiel Ribeiro dos Santos

Terceiro-Sargento Coriolano
Ferreira Santiago
Primeiro-Cabo Luiz Augusto
Pereira
Segundo-Cabo José Hermito de Sá
Segundo-Cabo Alberto Bernardino
de Aragão
Segundo-Cabo Clodoaldo
Ursulano
Segundo-Cabo Pedro Maria Netto
Segundo-Cabo Fidelis Batista de
Aguiar
Segundo-Cabo Manoel Biré de
Agrella
Segundo-Cabo Francisco Alves
da Rocha
Segundo-Cabo João de Deus
Araújo
Soldado PM Luiz Gonzaga de
Souza
Soldado PM Lino Victor dos
Santos
Segundo-Cabo Wilson França
Segundo-Cabo Péricles Leal
Bezerra
Segundo-Cabo Orlando Henriques
Segundo-Cabo José Menezes
Filho
Segundo-Cabo Manuel Alves da
Silva

Naqueles dias fatídicos de 1935, eles eram movidos pela crença e pela fidelidade aos valores éticos e morais que fazem de nós, soldados. Estes mesmos valores moveram os que morreram em tantos outros dias fatídicos que temos tido ao longo do tempo.

Foram estes os valores postergados e traídos por aqueles que

os mataram.

É ocioso lembrar-lhes o que acontecia no mundo e no Brasil naquele e noutros tempos. Vocês conhecem a história. O que devo dizer-lhes agora é que não esqueçam nossos mortos. Nem os de 35, nem tantos outros que deram a vida para que pudéssemos continuar construindo o Brasil que desejamos. Mesmo que isto nos obrigue a suportar e a conter a falta de compromisso e de patriotismo daqueles que, anistiados e reintegrados, mostram o seu lado cínico e oportunista, irresponsável. Eles que desistam, pois, por aqui, não passarão.

Nasci em setembro de 1935. Meu pai me batizou Luiz Carlos. No “livro do Bebê” escreveu: “Houve um período de minha vida em que todos meus anseios de homem e cidadão – isto era 1918/1920 – estiveram voltados para o exemplo de um Luiz Carlos a quem, por sua inteligência, pela camaradagem e pela lealdade, chamávamos o “cavaleiro da esperança”. Agora tenho a ti, meu filho, com esperança... Deus há de permitir que cresças comprometido com Ele, com seus semelhantes e com a pátria.”

Em novembro, o outro Luiz Carlos foi o líder de ações que negavam tudo aquilo que meu pai nele admirava. Ainda incrédulo, meu pai escreveu ao pé da mesma página de meu batismo: “O que faz uma mulher bonita - referia-se a Olga Benaro -, o que fazem as decepções! – referia-se a 24 e à Coluna - Por que ele fez isto? Por que nos traiu? Por que renegou a sua pátria? Mas confio em ti, meu filho. Cresça.

Tratarei de oferecer-te estudo, trabalho e luta para que enrijeças a tua fé e o teu patriotismo.”

Em homenagem aos nossos mortos, eu lhes peço: perseverem na prática da verdade, perseverem na prática da lealdade. Elas são a base

da confiança e da disciplina. São a garantia da justiça. São a alma e a face da coragem.

Muito obrigado e que Deus os proteja..